

Marina Vigário\*

Isabel Falé

A Síllaba no Português Fundamental:  
uma descrição e algumas considerações de ordem teórica\*\*

1. INTRODUÇÃO

O estudo da síllaba tem suscitado controvérsias diversas que advêm, entre outros factores, da dificuldade em definir objectivamente a unidade *síllaba*<sup>1</sup>. Esta dificuldade encontra-se espelhada quer nas definições de *síllaba* que têm sido dadas quer nas reflexões de alguns autores portugueses que se debruçaram sobre este assunto. Em Cunha e Cintra (1987:54), por exemplo, pode ler-se: "A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de síllaba". Herdadas da tradição gramatical greco-latina, este tipo de definições justificam a actualidade das questões colocadas em Sá Nogueira (1942:1):

O problema da síllaba, do que ela é, do que a determina, de onde ela começa e onde acaba, desde a antiguidade tem despertado a atenção dos gramáticos e dos filólogos.

A síllaba existe? Será ela uma realidade, ou será uma ficção?

As descrições silábicas sobre o Português apresentam ainda, na generalidade, um outro aspecto em comum: síllabas como as que surgem em carro e carta são descritas a par das que surgem em adstringente e inse, sem que nada se diga acerca da diferença de frequência de uso das referidas palavras, ou acerca da frequência das próprias sequências de segmentos que aí ocorrem.

Um dos propósitos iniciais deste trabalho foi tentar objectivar a nossa intuição (de falantes do Português) de que as síllabas presentes nas primeiras palavras são mais produtivas e menos marcadas do que as presentes nas segundas<sup>2</sup>.

\* As autoras deste trabalho, realizado no âmbito do Seminário de Fonologia do Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, são bolseiras da JNICT (Programa Ciência).

\*\* Gostaríamos de agradecer as sugestões feitas e as questões levantadas por Maria Helena Mateus, bem como os comentários de Sónia Frota. Queríamos ainda agradecer a Maria das Mercês Moita pelo apoio gráfico. Agradecemos também a Célia Cameira e a toda a assistência do IX Encontro da APL os contributos que deram a este artigo.

<sup>1</sup> Veja-se, por exemplo, os comentários de Herbert (1986: 67):

*However, there are several difficulties [...] relating chiefly to the deficiency of a definition for syllable, a confusion of underlying and superficial levels of organization, and the methodology of determining or counting syllables.*

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, a diferença que um falante nativo do Português deverá notar entre dois logátomos como *lergo* e *ídstro*.

Na realidade, para uma análise fonológica da sílaba, parece-nos ser necessário observar, numa primeira fase, as sílabas constituídas por sequências "naturais" na língua, descrever o funcionamento destas na sílaba e extrair generalizações que nos permitam, numa segunda fase, observar as sequências "menos naturais" e, eventualmente, explicar o seu carácter excepcional.

Para fundamentarmos a nossa intuição, propomo-nos descrever as sequências sonoras que existem nas sílabas das palavras mais frequentes do Português Europeu, colocando a hipótese de, nessas palavras, encontrarmos predominantemente sílabas com sequências não marcadas<sup>3</sup>. Partindo desta descrição - e uma vez isoladas as sílabas marcadas<sup>4</sup> - propomos a existência, no Português, de um conjunto de princípios que regulam a distribuição dos segmentos nas sílabas. O reduzido número de casos excepcionais encontrados será "re-visto" à luz dos princípios propostos.

## 2. CRITÉRIOS DE SILABIFICAÇÃO

A determinação dos critérios adoptados neste estudo tem como ponto de partida as observações de Andrade e Viana (1993:214), a propósito da síntese de fala: "... a silabação tem de ser "intuitiva", de base estritamente fonética ou fonológica e inteiramente coerente com o dialecto adoptado".

Os exemplos em (1) ilustram o que é para nós uma sílaba intuitiva, intuição que, pensamos, é partilhada por outros falantes do Português Europeu (vejam-se os exemplos consensuais apresentados por todos os estudiosos que versaram sobre a sílaba no Português: por exemplo, Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), Jerónimo Soares Barbosa (1822), e, mais recentemente, Sá Nogueira (1941), Morais-Barbosa (1965) e Barbeiro (1986) ):

(1)    ca - pa            cas - ca            can - ta  
         ca - bra            cal - ca            quei - ma

Os restantes critérios de silabificação que abaixo apresentamos, ao contrário do primeiro, são menos consensuais na comunidade científica portuguesa, como se pode verificar se comparadas as diferentes opções tomadas pelos autores acima citados. Todos os critérios adoptados podem, no entanto, ser encontrados nos trabalhos de um ou mais dos referidos autores, ainda que por vezes tal não surja de modo explícito.

<sup>3</sup> O raciocínio subjacente a esta hipótese é o de que a elevada frequência de uso favorece a regularização. Assim, ou as sílabas das palavras mais frequentes são "originalmente" simples ou sofreram a aplicação de regras que as integraram na fonotáctica do Português. Formas como *whisky* e *sporting*, produzidas por alguns falantes como [wiskə] e [sɔpɔrtiŋ], respectivamente, mostram-nos regularizações deste tipo.

<sup>4</sup> Veremos que uma das características destas sílabas é oferecerem mais de uma possibilidade de divisão silábica.

Colocamo-nos no nível fonológico ao não considerarmos, por um lado, a existência de ditongos crescentes (e sim sequências de vogais) e, por outro, a queda de vogais pela aplicação das regras de supressão das vogais átonas, como ilustram os exemplos em (2):

- (2) a. qui - e - ta    b. per - ce - bes / per - ce - bes -te

De acordo com o nosso dialecto, tomamos as consoantes mudas como inexistentes e a sequência <ou> como representando graficamente o segmento [o], tal como exemplificamos em (3):

- (3) a. "cacto" > ca - to    b. "couth" > co - to

Finalmente, consideramos os grafemas <qu> e <gu> como representando consoantes labializadas, não se podendo portanto separar, sempre que o "u" se pronuncia, o que transcrevemos nos exemplos que se seguem e nos subsequentes como q<sup>w</sup> e g<sup>w</sup>, respectivamente.

- (4) q<sup>w</sup>a - tro / g<sup>w</sup>ar - do

Todas as sequências que oferecem mais do que uma possibilidade de silabificação são tratadas e problematizadas separadamente. Encontram-se nesta situação palavras com sequências de obstruintes e com sequências de vogal-glide-vogal:

- (5) a. secção / obtuso    b. areia / aldeia

### 3. O CORPUS

O *corpus* em que se baseia este trabalho é o *Corpus de Frequência*<sup>5</sup> do Português Fundamental (doravante PF), que resulta da transcrição ortográfica de entrevistas feitas a 1400 falantes em diversos pontos do país. Sobre este *corpus* efectuámos a contagem das sílabas das palavras com frequência superior a 9<sup>o</sup> da lista '1.2 Vocábulos por ordem alfabética' do PF<sup>7</sup>.

### 4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

O número total de sílabas das palavras polissilábicas é 7109, distribuindo-se 2530 pela posição inicial de palavra, o mesmo número pela posição final e 2049 pela posição medial.

<sup>5</sup> Ver Nascimento *et alii* (1984: 15-19).

<sup>6</sup> Da contagem foram excluídas as locuções, as interjeições e os compostos por justaposição.

<sup>7</sup> Ver Nascimento *et alii* (1987: 432-688).

Como podemos observar na fig. 1, 92% das sílabas das palavras polissilábicas concentram-se em apenas 10 tipos silábicos<sup>8</sup>, dividindo-se os restantes 8% por 62 tipos diferentes.

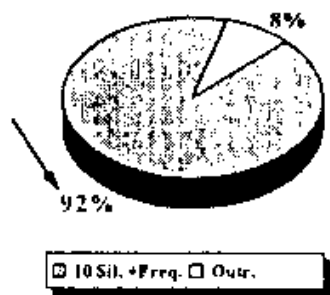


Figura 1 - Tipos silábicos de maior frequência. Total do *corpus* de palavras polissilábicas

Const. $\sigma$	%
CV	52,8
CVs	8,7
V	7,4
C $\bar{V}$	6,0
CVr	5,6
C $\bar{V}$ G	3,2
CVG	2,3
Vs	2,0
$\bar{V}$	2,0
prV	1,9
Total	91,9

Figura 2 - Quadro dos tipos silábicos mais frequentes. Soma de todas as posições de palavra. Palavras polissilábicas

O tipo CV surge em 52.8% da totalidade do *corpus de palavras* polissilábicas, sendo seguido, embora a grande distância, pelos tipos CVs (8.7%) e V (7.4%) - ver fig. 2.

Posição inicial		Posição medial		Posição final	
Tipo $\sigma$	%	Tipo $\sigma$	%	Tipo $\sigma$	%
CV	45,8	CV	70,9	CV	45,2
V	13,3	C $\bar{V}$	9,4	CVs	19,6
C $\bar{V}$	8,8	V	3,6	C $\bar{V}$ G	8,9
CVr	5,5	CVr	2,7	CVr	8,1
$\bar{V}$	4,6	CVG	2,4	V	4,6
Vs	4,2	prV	2,1	CVG	2,3
CVs	4,0	trV	1,4	Vs	1,4
prV	3,6	$\bar{V}$	1,3	CVI	1,3
CVG	2,2	CVs	1,2	C $\bar{V}$ Gs	1,1
trV	1,4	CVI	1,0	$\bar{V}$ G	1,1
CVI	0,9	grV	0,6	trV	1,0
Vr	0,8	krV	0,5	CVGs	0,9
VI	0,6			Vr	0,5
krV	0,4			brV	0,5
VG	0,4			trVs	0,4
Total	96,4	Total	97,1	Total	96,8

Figura 3 - Quadro das sílabas mais frequentes por posição na palavra. Total do *corpus* de palavras polissilábicas.

<sup>8</sup> Designamos tipos silábicos diferentes sílabas como CV, sílabas terminadas por [r], [l] ou s e sílabas iniciadas por grupos consonânticos como [pr], [kl], [fr]. A opção de apresentar os elementos consonânticos da Rima e os grupos consonânticos do Ataque permite-nos obter informação quantificada acerca da frequência de ocorrência destes elementos.

Note-se que, se juntarmos os resultados de CV a  $C\tilde{V}$ , e de V a  $\tilde{V}$ , por um lado, e os de CVs, CVr, CVG e  $C\tilde{V}G$ , por outro, o número de tipos silábicos diferentes que totaliza 92% do *corpus* desce para apenas 5.

Ao analisarmos a distribuição dos resultados tendo em conta a frequência das sílabas por posição na palavra (ver fig. 3), observamos que a sílaba CV é, nas três posições de palavra, a sílaba com maior frequência, verificando-se o seu valor mais elevado na posição medial com 70.9%. A posição medial revela-se assim a posição que apresenta menor dispersão de valores.

Se considerada a distribuição dos resultados tendo em conta quer a posição da sílaba na palavra, quer a posição dos segmentos na sílaba, podemos ver, por um lado, que o Ataque de sílaba apresenta três possibilidades - pode não ser preenchido (0 C), pode ter uma consoante (1 C) e pode ter duas consoantes (2 C) - e, por outro, que se verifica uma tendência uniforme nas três posições de palavra para que esta posição seja preenchida por uma consoante. A posição inicial de palavra, comparativamente às posições medial e final, revela uma maior variação na distribuição dos resultados.

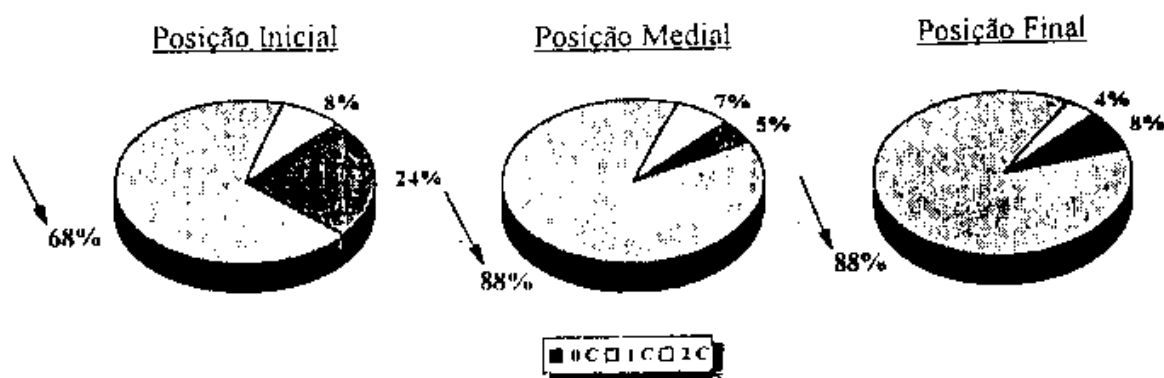


Figura 4 - Ataque da sílaba por posição na palavra. Palavras polissilábicas.

Quanto à Rima e aos elementos que a podem preencher (excluindo a vogal que preenche obrigatoriamente o seu núcleo), verificamos neste *corpus* a presença de todas as possibilidades tradicionalmente referidas na literatura: as semivogais, as consoantes [r] e [l] e a fricativa que grafámos  $\xi$ <sup>9</sup>. Assim, a Rima das palavras consideradas apresenta três possibilidades (para além da vogal núcleo de sílaba): pode ser preenchida por uma

<sup>9</sup> Optámos por representar a fricativa que ocorre em fim de sílaba como  $\xi$  por não nos querermos aqui ocupar da discussão acerca da forma subjacente dos vários alofones nesta posição sílabica.

consoante (IC), por uma glide (IG) e por glide e consoante (GC). No entanto, regista-se uma tendência, nas três posições de palavra, para o preenchimento da Rima apenas pela vogal núcleo de sílaba. A posição final de palavra, quando comparada com as posições inicial e medial, apresenta uma maior dispersão de valores pelos vários elementos que podem ocupar a Rima.

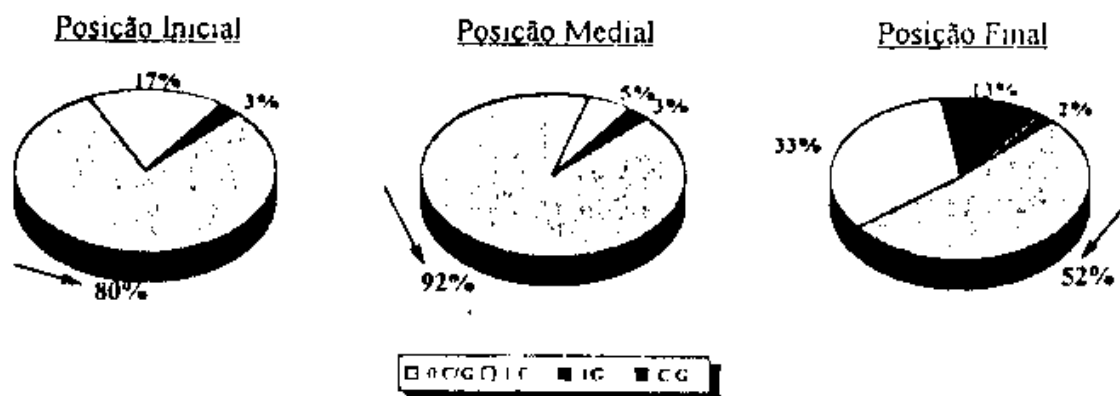


Figura 5 - Rima da sílaba por posição na palavra. Palavras polissilábicas.

Observemos agora os grupos consonânticos registados no *corpus* de palavras polissilábicas. Como podemos constatar no quadro da figura 6, encontramos quase todas as oclusivas orais do sistema sonoro do Português seguidas de líquida vibrante a ocorrerem nas diversas posições de palavra. Os grupos de oclusiva-líquida lateral são constituídos somente por 4 das 6 oclusivas que constituem o paradigma das oclusivas orais, apenas ocorrendo as 4 oclusivas em posição medial de palavra. Os grupos de fricativa-líquida vibrante e os grupos de fricativa-líquida lateral apenas surgem com as fricativas [-cor] e com a fricativa [-cor, -voz], respectivamente. De notar que a progressiva diminuição do número de grupos consonânticos diferentes é acompanhada por uma progressiva diminuição dos valores de frequência.

Oclusiva + Lq. Vibr.			Oclusiva + Lq. Lat.			Fricativa + Lq. Vibr.			Fricativa + Lq. Lat.		
Inic.	Med.	Fin.	Inic.	Med.	Fin.	Inic.	Med.	Fin.	Inic.	Med.	Fin.
pr 98	pr 50	pr 10	pl 2	pl 7	pl 2	fr 13	---	fr 3	fl 1	fl 3	---
tr 39	tr 35	tr 44	---	---	---	---	---	---	---	---	---
kr 11	kr 10	kr 2	kl 8	kl 2	kl 1	---	---	---	---	---	---
br 10	br 8	br 21	---	bl 6	---	---	vr 2	vr 6	---	---	---
---	dr 2	dr 6	---	---	---	---	---	---	---	---	---
gr 9	gr 15	gr 2	---	gl 2	gl 1	---	---	---	---	---	---
167	120	85	10	17	4	13	2	9	1	3	0

Figura 6 - Grupos consonânticos possíveis em Ataque

Em síntese, 94% da totalidade dos grupos consonânticos são constituídos por oclusiva-líquida, destacando-se os grupos de oclusiva [-voz]-líquida vibrante com 69,4%. Os grupos de fricativa-líquida são comparativamente pouco frequentes (com 6,5%).

Quanto às palavras monossilábicas (num total de 171 palavras/sílabas), 74% das sílabas apresentam apenas 6 tipos silábicos, dividindo-se as restantes 26% por 15 tipos diferentes. É de salientar que os resultados das sílabas de maior frequência das palavras monossilábicas são mais dispersos do que os assinalados nas palavras polissilábicas (cf. fig. 2), não se registando predominância acentuada de nenhum tipo silábico.

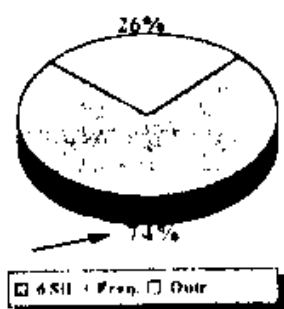


Figura 7 - Tipos silábicos de maior frequência. Total do corpus de palavras monossilábicas

Tipo $\sigma$	%
CV	19,3
CV <sub>v</sub>	12,9
CV <sub>l</sub>	11,7
CV <sub>r</sub>	10,5
CVG	10,5
CVG <sub>v</sub>	9,4
Total	74,3

Figura 8 - Quadro dos tipos silábicos mais frequentes. Palavras monossilábicas

No que diz respeito à posição de Ataque de sílaba das palavras monossilábicas, mantém-se a tendência, já observada nas palavras polissilábicas, para que esta posição seja preenchida por uma consoante. Pelo contrário, a posição de Rima destas palavras, em oposição às palavras polissilábicas, não manifesta tendência para o preenchimento por uma vogal - ver fig.10. A distribuição de resultados da Rima evidencia a maior variação encontrada neste corpus.

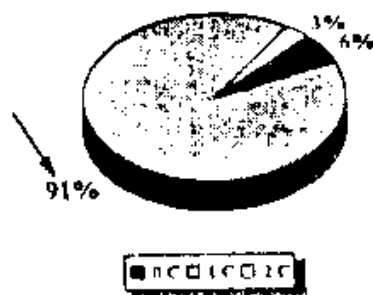


Figura 9 - Ataque da sílaba nas palavras monossilábicas

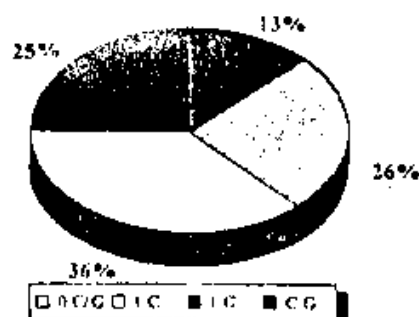


Figura 10 - Rima da sílaba nas palavras monossilábicas

Em síntese, uma caracterização global do *corpus* mostra que o tipo silábico mais frequente é CV, que atinge valores de frequência superiores a metade do *corpus*. Este é o tipo silábico comumente apontado como o mais frequente nas várias línguas<sup>10</sup>.

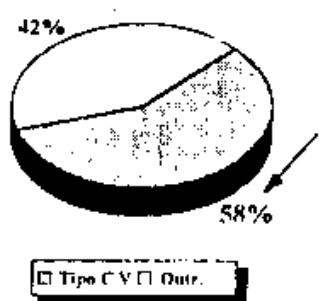


Figura 11 - Tipo silábico mais frequente. Total do *corpus* de palavras monossilábicas e polisilábicas

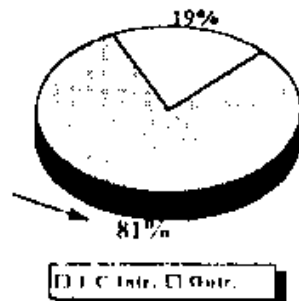


Figura 12 - Total de sílabas iniciadas por uma Consoante

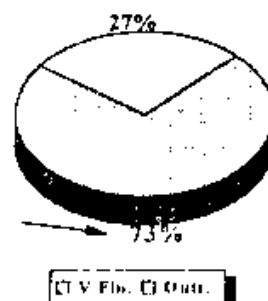


Figura 13 - Total de sílabas terminadas por uma Vogal

Acrescente-se ainda que, quer o total de sílabas iniciadas por uma consoante, quer o total de sílabas terminadas por vogal apresentam valores superiores a metade do *corpus*, isto é, valores superiores aos encontrados para o tipo silábico CV<sup>11</sup>.

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE ORDEM TEÓRICA

Assumimos que a descrição agora concluída é representativa das sílabas não marcadas do Português. Pensamos que é plausível supor que, nas palavras mais frequentes do Português, ou apenas existem sílabas não marcadas (quer originalmente não marcadas quer provenientes de sílabas marcadas que sofreram a aplicação de regras que as simplificaram, aplicação essa favorecida pela elevada frequência de uso), ou, a existirem sílabas marcadas, elas deverão tender à regularização.

Tendo por base esta assunção, procuraremos proceder a um conjunto de generalizações que permitam dar conta da distribuição dos segmentos nas sílabas do Português. O percurso que será seguido constitui uma adaptação a esta língua de propostas feitas por outros autores para outras línguas, nomeadamente as compiladas em Goldsmith (1990), relativamente à sílaba.

Antes de mais, o Português parece comportar-se de forma semelhante a outras línguas no que diz respeito à *Generalização de Sequência Sonora* (*Sonority Sequencing Generalization*), também designada por *Princípio de Sonoridade* (*Sonority Principle*). Como

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, Bell e Hooper (1978).

<sup>11</sup> A propósito deste resultado veja-se Jakobson e Halle (1956) que, segundo Herbert (1986:73), consideram que a sílaba aberta "is the only universal syllable type". Esta tendência para a predominância de sílabas abertas foi também notada para o Português em Morais-Barbosa (1965).



é referido em Selkirk (1984:117), "the SSG [Sonority Sequencing Generalization] can be viewed as imposing universal constraints on the possible form of language-particular sets of conditions on syllable structure." De facto, o Português parece confirmar a universalidade desta generalização.

Adaptando as definições dadas em Selkirk (1984:116) e em Rubach e Booij (1990:122), poderíamos definir o Princípio de Sonoridade da seguinte forma:

**(6) Princípio de Sonoridade**

Numa sílaba, a sonoridade dos segmentos tem de decrescer a partir do núcleo até às suas extremidades. A sonoridade dos segmentos é definida pela seguinte escala, apresentada por ordem decrescente de sonoridade: Vogais - Líquidas - Nasais - Fricativas - Oclusivas.<sup>12</sup>

Se o Princípio de Sonoridade pode explicar que encontremos no PF sequências como trVs e flVr e nunca \*mV ou \*fpV, o mesmo não explica, contudo, por que razão não podemos encontrar sequências (que respeitam este princípio) como \*nrV ou \*pfV.

A impossibilidade de ocorrência de sequências deste tipo não é característica apenas do Português. Na verdade, dados desta natureza estão na base da aceitação geral da *Condição de Dissemelhança* (*Dissimilarity Condition*), a qual deve especificar, para cada língua, o valor da diferença de sonoridade que os segmentos adjacentes numa mesma sílaba devem manter entre si (cf. Harris (1983), Selkirk (1984), van der Hulst (1984) )<sup>13</sup>. Para que esse valor possa ser especificado, é necessário não só uma *Escala de Sonoridade* (*Sonority Hierarchy*), que nada nos diz acerca das distâncias de sonoridade entre segmentos adjacentes, mas também uma forma de quantificar essas distâncias. Tal quantificação pode ser dada através da atribuição de índices aos segmentos organizados pela Escala de Sonoridade, como proposto em Selkirk (1984). No entanto, porque a indexação apresentada por esta autora é feita para o sistema sonoro do Inglês, ela não se ajusta aos dados do Português.

De forma a podermos definir o valor a fixar na Condição de Dissemelhança para o Português, é portanto necessário construir uma Escala de Sonoridade Indexada para esta língua, semelhante à proposta em Selkirk (1984), para o Inglês. De acordo com a distribuição dos segmentos nas sílabas do PF, (7) constitui uma indexação possível para o Português:

<sup>12</sup>As semivogais encontram-se ausentes da Escala de Sonoridade apresentada em Selkirk (1984). Para a discussão deste ponto ver Selkirk (1984:Nota 9).

<sup>13</sup>"As Harris points out, the specification of minimum sonority difference (dissimilarity) between adjacent positions is a parameter to be set in the phonotactic description of individual languages or dialects", Selkirk (1984:131).

### (7) Escala de Sonoridade Indexada

OCL.	[-voz]	0.5
	[+voz]	1
FRIC.	[-cor] [-voz]	1.5
	[+voz]	2
	[+cor] [-voz]	2.5
	[+voz]	3
NAS.		3.5
LIQ. LAT.		5.5
VIB.		6
VOG.		10

Tendo em consideração uma indexação deste tipo, a Condição de Dissemelhança poderia ser formulada de uma forma objectiva, como em (8):

### (8) Condição de Dissemelhança

Os segmentos adjacentes numa mesma sílaba têm de ter entre si uma diferença de sonoridade igual ou superior a 4 (de acordo com uma indexação como (7) ), sendo sempre preferível um valor superior e sendo sempre marcada (ou impossível) uma sequência com um valor inferior.

Apesar de a indexação de sonoridade apresentada parecer adequada do ponto de vista descritivo, pensamos que os valores expressos devem ser entendidos, não como valores reais, mas como uma tentativa de representação das relações de sonoridade que os segmentos do sistema sonoro do Português poderão manter entre si - como que um espaço ou intervalo de sonoridade (repare-se que a adequação de uma atribuição numérica surge já questionada em Goldsmith (1990:112) ). De notar que um sistema numérico deste tipo não permite, por exemplo, a comparação com outras línguas, uma vez que o mesmo resultado seria obtido se multiplicássemos ou dividíssemos todos os valores (incluindo o da Condição de Dissemelhança) por 2, 3 ou 4. O que nos parece indicar que o importante é manter a noção de relação entre segmentos em termos de sonoridade. É de referir ainda que a indexação aqui apresentada constitui uma tentativa de generalização que tem por base as sílabas do *corpus* que observámos, mas seria desejável encontrar motivações independentes para tal indexação.

Se adoptarmos (7) e (8), podemos excluir um conjunto de sequências impossíveis ou marginais, ao mesmo tempo que mantemos o conjunto de sequências possíveis:

### (9) (a) Sequências impossíveis ou marginais

*ocl. - ocl.	*fric. - fric.	*fric. - nas	*nas. - nas.
*ocl. - fric.	*fric.[-cor][+voz] - líq.lat.		*nas - líq.
*ocl. - nas	*fric [+cor] - líq		

(b) Sequências possíveis

vog. - cons.    ocl. - líq.

cons. - vog.

fric.[-voz] - líq.

fric.[+voz] - líq. vibr.

(6), (7) e (8) parecem não só permitir descrever de forma geral as sílabas do Português, excluindo as inexistentes (ou mais marcadas), como também dar conta das diferenças de frequência por nós obtidas em relação aos grupos consonânticos, nomeadamente a maior frequência de oclusiva (e não fricativa) seguida de líquida, da oclusiva [-voz] (e não da [+voz] ) seguida de líquida, e da oclusiva seguida de líquida vibrante (e não de líquida lateral).

Outros aspectos parecem ainda importantes para descrever adequadamente as sequências sonoras nas sílabas do Português.

Como referido em Goldsmith (1990), podem surgir ambiguidades no processo de silabificação quando existe uma ou mais consoantes entre duas vogais, numa língua que, como o Português, permite consoantes na Coda. Nesta língua, contudo, quando temos apenas uma consoante entre duas vogais não existe qualquer ambiguidade no processo de silabificação, uma vez que esta sequência apenas pode ser silabificada como V-CV, independentemente da consoante envolvida, e nunca como \*VC-V. Este facto pode ser explicado pelo *Princípio do Ataque Máximo* (*Maximal Onset Principle*), que diz que é preferível o preenchimento dos Ataques ao preenchimento das Codas.

Quanto à silabificação de sequências com duas consoantes entre duas vogais, ela parece depender, não só dos princípios atrás mencionados, como também dos traços que podem ou não ocorrer em determinadas posições silábicas. A *Legitimação Prosódica*<sup>14</sup> (*Prosodic Licensing*), proposta em Goldsmith (1990), ao mesmo tempo que regula os traços que podem ocorrer nas diferentes posições silábicas, permite-nos explicar os dados do Português de forma paralela aos dados de outras línguas (por exemplo, do Inglês, do Árabe e do Hausa, entre outras - cf. Goldsmith (1990:cap.3) ).

Começando pelo Ataque, verificamos que em Português, quando temos apenas um elemento consonântico, qualquer consoante pode surgir nesta posição com qualquer ponto de articulação. No entanto, quando nessa posição silábica ocorrem dois segmentos consonânticos, verificamos que o primeiro desses segmentos pode ter qualquer ponto de articulação, enquanto o segundo apenas pode apresentar os traços [+cor] e [+ant]. Podemos,

<sup>14</sup> Como nos foi sugerido por Ernesto d'Andrade durante a apresentação deste artigo, optámos por traduzir "licencing" por "legitimação" e não por "licenciamento", dado que o termo existe já na metalinguagem da Linguística Teórica, nomeadamente na área da Sintaxe.

portanto, colocar a hipótese de a sílaba legitimar apenas um ponto de articulação distintivo (o do primeiro elemento consonântico), uma vez que o segundo elemento apenas pode ter um ponto de articulação com um valor fixo.

Quanto à Coda, este legitimador secundário, como o designa Goldsmith (1990), parece legitimar o traço [soante] (que pode, assim, ter o valor positivo ou o valor negativo) mas apenas permite a ocorrência do valor positivo para o traço [contínuo], deixando este traço, portanto, de ser distintivo nesta posição silábica.

Integrando a noção de Legitimação Prosódica, podemos excluir as sequências ainda permitidas por (6), (7) e (8) (mas não atestadas), como oclusiva e fricativa seguida de [λ] ou [R], na posição de Ataque, e vogal seguida de oclusiva (oral ou nasal), na posição de Coda.

Observemos, finalmente, como se comportam, em relação aos princípios e filtros propostos para o Português, os casos que excluímos da contagem inicial de sílabas por oferecerem mais de uma possibilidade de silabificação<sup>15</sup>.

(10)	P. Son.	C. Diss.	P. At. Max.	Lic. Pros.
1.				
(con)ta-to	OK	OK	*	*
se-cção	OK	OK	*	*
seg-men(to)	OK	OK	*	*
2.				
(con)ta-to	*	*	OK	OK
se-cção	OK	*	OK	OK
se-gmen(to)	OK	*	OK	*
3.				
(con)ta-que-to	OK	OK	OK	OK
se-que-cção	OK	OK	OK	OK
se-gue-men(to)	OK	OK	OK	OK

A observação de (10) mostra-nos que as sequências que permitem mais de uma possibilidade de silabificação apresentam violações de um ou mais dos princípios acima expostos. (10.3) é a única possibilidade de silabificação que não coloca problemas, no que diz respeito a estes princípios, uma vez que os segmentos consonânticos já não se encontram adjacentes<sup>16</sup>. No entanto, pressupondo a inexistência do [ə] no nível subjacente, esta silabificação vai contra o processo de construção minimal da sílaba assumido em Goldsmith (1990:123): "...we shall

<sup>15</sup> Lembramos que nestes casos se encontram sequências com duas obstruintes e sequências VGV. No PF, as primeiras totalizam 15 casos e as segundas 31.

<sup>16</sup> Esta possibilidade é já referida em Morais-Barbosa (1965) e surge como a proposta de divisão mais correcta do ponto de vista fonético em Sá Nogueira (1941).

take syllabification to apply, throughout the derivation, to construct syllable structure in a minimal fashion (i.e. with the minimal number of syllables) to cover the maximum number of segments possible".

É de referir que outras possibilidades de resolver sequências deste tipo, que não parecem incorrer em qualquer tipo de violação, existem ou existiram na língua, facto que pode ser verificado por dados históricos e de outras variedades do Português: por exemplo, a semivocalização do primeiro elemento consonântico, como sucedeu com os vocábulos feito e noite, ou a queda do primeiro elemento consonântico, como sucedeu com facto (na variedade de Português do Brasil) e com último, ou ainda a assimilação de traços e redução a um único elemento consonântico como sucedeu com anho.

Para concluir, gostaríamos apenas de levantar um outro problema que resulta, igualmente, na ambiguidade do processo de silabificação: a sequência VGV.

Uma palavra como praia apresenta, pensamos, quatro hipóteses de silabificação com diferentes graus de plausibilidade:

- (11) a. pra-i-a      b. praj-a      c. pra-ja      d. pra j a

De acordo com os princípios e filtros apresentados, nem todas estas possibilidades de silabificação deverão ser igualmente permitidas no Português. Uma divisão como (11.a) não respeita a *construção minimal* da sílaba. Por sua vez, uma divisão como (11.b) viola o *Princípio do Ataque Máximo*. Quanto a uma divisão como (11.c), importa questionar se não apresenta uma violação da *Legitimação Prosódica*. Finalmente, gostaríamos de deixar em aberto a quarta possibilidade - em que a semivogal se encontra associada à Coda da primeira sílaba e ao Ataque da segunda, isto é, em que exista ambissilabidade da semivogal -, colocando a hipótese de ser esta a solução mais plausível de silabificação, cujas consequências ficam por investigar.

## Referências

- ANDRADE, E. e M.C. Viana (1993) "As sobradas da translineação", Actas do 1º Encontro de Processamento da Língua Portuguesa, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BELL, A. e J.Hooper (1978) "Issues and evidence in syllabic phonology", in A. Bell e J.Hooper (eds.)(1978) Syllables and Segments. Amsterdam. North-Holland.
- BARBEIRO, L. (1986) O papel da sílaba na análise dos processos fonológicos e fonéticos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BARBOSA, J.S. (1822) Grammatica philosophica da lingua portugeza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem. 5ª edição, 1871, Lisboa: Typographya da Academia Real das Ciências.
- BARROS, J. (1540) Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja. Lisboa: Luis Rodrigues (reprodução facsimilada e introdução de M. L. C. Buescu, Lisboa: FLL, 1971).
- CUNHA, C. e L.Cintra (1987) Nova Gramática do Português Contemporâneo. 4ª edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- GOLDSMITH, J.A. (1990) Autosegmental and Metrical Phonology. Oxford: Basil Blackwell.
- HARRIS, J. (1983) Syllable structure and stress in Spanish. A nonlinear analysis. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- HERBERT, R. (1986) Language Universals, Markedness Theory, and Natural Phonetic Processes. Berlin: Mouton de Gruyter.
- van der HULST, H. (1984) Syllable Structure and Stress in Dutch. Dordrecht: Foris Publications.
- MORAIS-BARBOSA, J. (1965) Études de phonologie portugaise. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- NASCIMENTO, F.B. *et alii* (1984) Português Fundamental. vol. I, tomo I, Lisboa: INIC, CLUL.
- NASCIMENTO, F.B. *et alii* (1987) Português Fundamental. vol. II, tomo I, Lisboa: INIC, CLUL.
- OLIVEIRA, F. (1536) Grammatica da linguaem portugesa. 3ª edição, 1933, Lisboa: José Fernandes Junior.
- RUBACH, C. e G.Booij (1990) "Syllable structure assignment in Polish", Phonology 7,1, pp. 121-158.
- SÁ NOGUEIRA, R. (1941) Tentativa de explicação dos fenómenos fonéticos em português. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- SÁ NOGUEIRA, R. (1942) O Problema da Sílaba. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- SELKIRK, E. (1984) "On the Major Class Features and Syllable Theory", in M. Aronoff. e R. Oetule (eds.) (1984) Language Sound Structure. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.